

~~E~~conomia - Brasil Quando 2001 chegar

O compromisso do Governo com uma taxa de crescimento econômico de no mínimo 4% este ano já começa a ser aceito, embora com ressalvas, também por analistas independentes.

Ontem dois deles, um brasileiro, o economista José Roberto Mendonça de Barros, e outro norte-americano, o professor Albert Fishlow, predisseram que a economia do País estará crescendo, no final deste ano, a um ritmo de 4 a 5% (José Roberto) e de até 6%, de acordo com a visão de Fishlow. Ambos advertem, entretanto, que isso não

significa que essas serão as taxas médias de expansão do Produto Interno Bruto (PIB), e sim que a trajetória de retomada do crescimento em 2000 irá gradualmente se aproximando desses patamares.

"Estou mais convencido do que nunca de que o crescimento deste ano será modesto", afirma José Roberto, ex-secretário de Política Econômica no primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso. O cenário básico da consultoria dirigida por ele, a MB Associados, "não é pessimista". No final de 2000, acredita ele, se o País não for atingido por nenhuma nova crise externa, a produção interna poderá estar andando a um ritmo superior a 4%. Segundo o economista, o ritmo atual de crescimento deve estar por volta de 1%, o que significa que a atividade produtiva em algum momento precisaria ser acelerada para que seja atingido a média final de 4%. E esse não é, para ele,

um cenário consistente presumível, mesmo quando considerados os argumentos de que a expansão da oferta de crédito será uma das características do ano.

.....●
Para Mendonça de Barros, não haverá recuperação significativa da renda salarial este ano
.....●

Estudioso da economia brasileira desde os anos 60, o professor Albert Fishlow apresentou previsões que parecem levemente mais otimistas na entrevista que concedeu ao programa "Roda Viva" da TV Cultura. Segundo a exposição que ele fez, não há mais dúvidas entre os analistas estrangeiros sobre a recuperação da economia brasileira. O ex-professor do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e do

presidente do BNDES, Andrea Calabi, amigo do presidente Fernando Henrique Cardoso, Fishlow arriscou um prognóstico: o PIB pode crescer acima do piso de 4% estimado pelo Governo e pode até atingir 6%, mas apenas nos últimos meses do ano. Ele está falando, por conseguinte, de taxas exuberantes de expansão do produto na ponta do período.

A MB Associados distribuiu ontem para seus clientes um estudo de sete páginas no qual refaz as duas últimas projeções da consultoria sobre o cenário mais provável para o PIB em 2000. A MB mantém o prognóstico de uma retomada gradual, que tenderia a um crescimento médio entre 2% e 3%. José Roberto assinala que mesmo nesse ritmo, no final de 2000 a atividade econômica poderá estar crescendo a uma taxa de 4% a 5%. A primeira projeção da MB apontava em setembro do ano passado para um PIB de 2,4%, número que foi rebaixado um mês

depois para 2,1% e que agora aponta para um crescimento real do PIB de 2,3%.

Na massa de dados com a qual a MB sustenta as suas previsões, José Roberto destaca um ponto que lhe parece essencial: não haverá recuperação significativa da renda salarial este ano, o que se traduz por um mercado de trabalho pouco animado, no qual a tendência dos ganhos do trabalhador é a e de, no máximo, repor as perdas com a inflação. Em outros termos, isso significa que não haverá recuperação da oferta de emprego. Ao contrário, o desemprego persistirá como preocupação número um dos brasileiros. "Nesse tipo de cenário", observa o economista, "as pessoas tendem a gastar menos e a pagar dívidas e não a consumir mais".

Os dados da economia real, neste início de ano, mostram que o consumo continua baixo, distante da recuperação que o Governo esperava. O dirigente da MB concorda que a expansão da oferta de crédito ao consumidor compensará as dificuldades de crescimento da massa salarial. José Roberto avalia, porém, que o crescimento do crédito também será gradual. A tendência de estagnação da renda e os juros altos freiam o uso do crédito pelos consumidores. Além disso, acrescenta ele, não se materializou a expectativa de concorrência acirrada entre os bancos de varejo. Segundo o economista, todos eles correm atrás do cliente comprovadamente bom pagador. A expansão do crédito aumentaria a produção se chegasse às pequenas e médias empresas, resume ele, "mas sinceramente não vejo nenhum banco disposto a aumentar o risco da sua carteira nessa área".

.....
E-mail: ariosto@agestado.com.br